

PANDEMIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Pandemic and social distancing: dialogues with early childhood education

Marcos Garcia Neira²⁸

RESUMO

Apesar das informações divulgadas desde o início do ano, de que a situação se agravava na Ásia e na Europa dia a dia, não foram tomadas medidas para proteção sanitária e econômica da população. Somase a isso o escasso das autoridades, a falta de articulação entre as instâncias governamentais, o negacionismo e o desinteresse proposital com a vida. Esse quadro só fez piorar ainda mais algo que já seria terrível por si só. A pandemia se alastrou pelo país, ceifando vidas, destruindo famílias e espalhando a dor e a tristeza. Em meio a tudo isso, estamos nós, professoras e professores, lidando como que nos é possível, procurando manter os vínculos com as crianças e preservar algum tipo de interação. Já se diz que o quadro permanecerá por algum tempo, avançando para um momento pós-pandêmico. Isso nos obrigará a reinventar os modos de educar e estabelecer uma outra Pedagogia da infância.

ABSTRACT

Despite information released since the beginning of the year that the situation worsened in Asia and Europe day by day, measures were not taken to protect the population's health and economy. Add to that, the negligence of the authorities, the lack of articulation between the governmental bodies, the negation and the purposeful lack of interest in life. This situation only made something worse that would already be terrible in itself. The pandemic spread throughout the country, taking lives, destroying families and spreading pain and sadness. In the midst of all this, we, teachers and professors, are dealing as much as possible with us, trying to maintain links with children and preserve some type of interaction. It is already said that the picture will remain for some time, moving to a post-pandemic moment. This will force us to reinvent ways of educating and to establish another pedagogy of childhood.

Quero começar cumprimentando minhas colegas, a Ana Cristina, a Ana Lúcia, a Carolina, a Célia, meu colega Ivan e também o Felipe e o João, que estão aqui cuidando das questões técnicas, porque sem eles isto não estaria acontecendo e todas as pessoas que estão nos assistindo pelo YouTube e pelas outras plataformas. Peço desculpas de antemão pelos latidos que possam acontecer porque estou em casa neste momento, tenho dois cachorros e cada vez que passa uma criança na rua eles saem correndo e latindo até o portão. Então, isso vai acontecer em algum momento, por isso, de antemão, já peço desculpas. Também quero agradecer o convite e exaltar a importância desta conversa e do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) ter chamado esta atividade em parceria com as Creches da USP. Penso que nós precisamos nos manter em atividade, esta é uma atividade pedagógica, mas também é uma atividade política

²⁸Canal/Entidade promotora: Sintusp
Transmitido/ registrado no youtube em: 24 de junho de 2020.
Link <https://youtu.be/M172aN7IukY>

de fortalecimento de vários setores, de vários segmentos que estão envolvidos nessa disputa por melhores condições de vida, de trabalho e de andamento da nossa Universidade. Também quero me solidarizar com as milhares de famílias que tiveram seus entes queridos vitimizados pela pandemia, seja pelos falecimentos, pelas internações, pelas dores, acho que todos e todas têm relatos próximos, às vezes, muito próximos, às vezes, dentro de casa. A gente sabe que muitas pessoas têm enfrentado um sofrimento muito grande em função disso. Não dá para retirar muita coisa positiva dessa experiência. Quando a experiência é dolorosa, quando a experiência é ruim, não dá para a gente tentar olhar e buscar um aspecto positivo. Então, longe de nós pensarmos qualquer coisa nesse sentido.

Todos nós estamos bem focados, neste momento, na questão da pandemia. O que estamos vivendo neste momento, como poderíamos resolver as questões neste momento, seja na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Médio ou Superior e todas as questões sociais que isso envolve. Eu gostaria de ampliar um pouco a conversa para aquilo que a literatura tem chamado de momento pós-pandêmico. Enquanto não houver uma vacina nós teremos que pensar numa outra maneira de estar. Concordo com as pessoas que me antecederam, concordo com a fala última do Ivan, que a gente não quer voltar àquela normalidade, mas esse momento de retorno, seja ele quando for, será um momento em que teremos que nos acostumar com formas de trabalhar, formas de agir que nós ainda não conhecemos. Nós teremos que inventá-las. Também quero dizer que logo atrás dessa linha de frente das colegas que trabalham na Saúde e que todos nós cumprimos, reconhecemos o esforço que estão fazendo, penso que uma segunda fileira é a Educação. A cada dia que passa isso está ficando mais visível, ou seja, se as colegas da linha de frente, da Saúde, estão lá, se expondo, atravessando um momento difícil, ajudando as pessoas que chegam até elas, nós estamos o tempo inteiro sendo lembrados, o tempo inteiro sendo demandados de várias maneiras, seja a(o) professora/professor que está pensando na atividade educacional, pensando como agregar as(os) alunas(os) que podem ter desaparecidas(os) e como também as pessoas que estão nas escolas e que perderam o contato com as crianças, perderam o contato com as famílias e estão se preocupando, se desesperando, tentando encontrar um forma de agregar as famílias. A professora Ana Lúcia entrou nesse assunto, e eu também penso como ela, que a gente tem que recuperar esse contato. Então, somos a linha de frente.

É por isso mesmo, gente, que em vários momentos eu tenho deixado bem claro que reputo grande responsabilidade por tudo isso que está acontecendo conosco ao

Governo Federal. Porque eu penso nisso todos os dias. Todos os dias. Nós já sabíamos, a sociedade brasileira e principalmente o Ministério da Saúde tinha informações nas primeiras semanas do ano que a situação era difícil na China, que aquilo iria se alastrar e que haveria meios de nos protegermos. Não digo evitar todas as contaminações, contágios e falecimentos, mas evitar o sofrimento de muitas pessoas, de milhares de pessoas. Caberia ao Governo Federal organizar uma política de proteção sanitária e econômica. Isso era possível porque foi feito em outros lugares do mundo. E nós que estávamos aqui na última parte do globo a ser atingida tínhamos tempo para fazer isso. Claro que isso deveria ter sido feito em parceria com os governos estaduais e municipais, que poderiam ter se responsabilizado por criar e desenvolver políticas de atendimento. Nós não podemos isentar o governo federal em momento algum, caberia a ele fechar as fronteiras, interromper os voos, implementar um processo pedagógico pelos meios de comunicação, ir alertando a população e mesmo quando o isolamento se estabeleceu, isso poderia ter sido feito de uma maneira bem mais organizada, fazendo *lockdown* em algumas regiões, ou seja, a gente já sabe porque existiram experiências anteriores. Toda a contribuição da ciência estava aí para mostrar como a gente poderia ter se protegido. Isso não aconteceu.

Foi muito difícil, posso dizer da Universidade de São Paulo, que é onde nós trabalhamos, posso supor pelas conversas e pelos contatos que tive, que o mesmo aconteceu em outros espaços. Nós saímos às pressas em uma semana, praticamente em uma semana. O comunicado do governador foi em uma sexta-feira ao final do dia e nós tivemos uma semana para nos organizarmos para poder sair. Saímos às pressas, deixamos as instituições de ensino, da Educação Básica e do Ensino Superior, e não tivemos muito tempo para nos organizar. Isso tem trazido consequências. Além disso, quero lembrar vocês que o cenário muda todo o tempo. É um cenário de incertezas. Nós saímos pensando que talvez fosse uma coisa para três ou quatro semanas e retomariamos da melhor maneira possível. Já faz mais de cem dias que a USP interrompeu as atividades presenciais e isso tem se tornado muito difícil. É muito difícil lidar com tudo isso, principalmente quando você tem acompanhado medidas de flexibilização do isolamento e as pessoas começam a circular por várias razões, não estou aqui para julgá-las, muitas pessoas não têm condição de permanecer em casa e, claro, começa a aparecer uma pressão que é anunciada de várias maneiras. A Prefeitura Municipal pensando num cronograma de retorno, a Secretaria Estadual também, então, claro, isso vai trazendo um certo desconforto, um certo receio, que é razoável, a gente também sente isso, que daqui a pouco teremos que retomar as atividades presenciais

sem nenhuma forma de organização, sem nenhuma medida. Ou seja, estamos vivendo uma situação que vou chamar de caótica, há uma falta de liderança, uma falta de articulação e o Estado se ausentou. Parece muito mais inclinado a cuidar das questões econômicas e deixando de lado medidas que poderiam dar suporte às demissões ou enfraquecimento das famílias. Então, estamos vivendo uma situação muito difícil.

Diante disso, este momento pandêmico que estou entendendo que possa se estender para o pós-pandêmico, o que nos cabe? Vou reforçar o que já foi dito. Nós precisamos fortalecer o elo com as crianças e com as suas famílias. Num primeiro momento, esse elo se rompeu. Num primeiro momento, a gente pensava que seria de uma maneira, mas a realidade está mostrando que é necessário que recuperemos esse elo, que ele se restabeleça. É certo que muitas escolas, muitas instituições de Educação Infantil, muitas EMEIs, CEIs e nossas Creches têm feito isso de muitas maneiras, mas nós teremos, suponho, que reinventar as maneiras de fazer a Educação Infantil. Que fique bem claro que estou me colocando. Não estou fazendo uma análise e me deixando de fora. Estou me colocando. Pois bem, o que tenho percebido? Todos nós temos muita saudade daquela maneira de pensar a relação pedagógica, entrando na sala de aula, as crianças nos abraçando, a gente sentando em roda, tendo uma série de experiências que são afetivas, que são importantes, que são pedagógicas, e que contribuem muito para formar as pessoas. Nós temos que nos preparar para um grande período de tempo em que isso não será possível ou, ao menos, recomendável. Teremos que pensar outras maneiras de fazer a Educação Infantil.

Cada professora, cada professor, na sua sala, com a sua turma, cada escola pensando. Nós temos a oportunidade de olhar para outras experiências, ver o que tem dado certo fora do Brasil, não porque eles sejam melhores, mas apenas porque no ciclo da pandemia eles estão um momento antes que o nosso. Temos condições de saber graças ao que circula pelos meios de comunicação, o que eles estão fazendo para que a gente possa olhar as experiências e ver aquelas que podem ser utilizadas aqui e quais outros formatos são possíveis. Nós não podemos insistir na ideia de que o retorno será como antes e que as mesmas condições estarão garantidas. Já foi anunciado aqui a ideia do compensatório que está fora de questão, a Célia falou muito bem, recuperar o tempo perdido, dar conta do conteúdo, ou seja, não penso que seja isso. Teremos que pensar uma outra forma de fazer a Educação Infantil. E aí, penso que temos nos reduzido, e isso pesa muito, temos nos reduzido a uma forma de interagir com as crianças e suas famílias que é pelos meios digitais. Aquelas que estão excluídas dos

meios digitais também estão excluídas do processo pedagógico. Penso que aqui nos equivocamos.

Poderíamos pensar, e teremos que fazer isso, pensar em outras maneiras de alcançar as crianças e novamente chamo a responsabilidade do Estado e das autoridades para esse aspecto. O que nós podemos fazer enquanto Brasil, Estado de São Paulo, rede municipal ou Universidade de São Paulo para garantir que no processo pedagógico as pessoas não fiquem reféns de apenas um canal. Que é este aqui, que estamos utilizando agora. E parece que é isso. Como isso dá conta de alguma maneira, basta fornecer o chip para quem não tem, etc., etc., parece que se resolve. Não, isso não resolve. Nós teremos que produzir materiais, teremos que pensar em experiências, teremos que estabelecer uma comunicação mais eficaz com as famílias porque quem está com as crianças nesse momento é a família ampliada, estou pensando, avô, avó, tio, padrinho, vizinho etc. e que a gente possa orientar, tanto neste momento de pandemia, quanto no momento pós-pandêmico, que a gente possa orientar esses adultos, sem desqualificar e sem desmerecer aquilo que lá acontece. Podemos, inclusive, criar mecanismos de disponibilizar para as famílias recursos que, às vezes, temos nas nossas unidades: livros, brinquedos, materiais para que as crianças interajam.

Então, não entendo que tenhamos que esperar um retorno para sabe lá quando vai acontecer. Penso que temos que recuperar o contato, fortalecer para quem manteve e pensar em experiências pedagógicas que possam ser feitas em parceria com as famílias sem desvalorizar o patrimônio cultural e os valores que aquela família já cultiva, mas aprimorar. Acho que é pelo diálogo, pela parceria, pelo trabalho coletivo que tanto nós que estamos nas unidades, quanto as famílias que agora estão com a responsabilidade direta pelas crianças, que poderemos diminuir um pouco os prejuízos. É óbvio que os prejuízos já estão aí, já estamos acumulando prejuízos, mas precisamos diminuí-los ao máximo, no quesito afetivo, no quesito formativo, no quesito de experiência social e assim por diante. Então, me coloco à disposição para algumas questões, se vierem algumas questões e reitero o prazer de estar com vocês e feliz que as pessoas estejam bem e podendo participar de um momento formativo como esse. Meus cumprimentos ao Sintusp e às Creches pela força que vocês sempre demonstram. Obrigado, gente.